

Chegou o momento de construir*

— Ensaio geral para discursos políticos

*A relação da juventude com a política, no geral, e a relação de cada aluno com a política, em particular, foram os motes do primeiro registo em Design de Comunicação V. Como reação à leitura de “Os jovens estão a desistir da política, e a política parece prescindir deles” (Paulo Pena, Público, 31.1.16), cada aluno construiu a sua resposta às perguntas:

- Porque desistem os jovens da política?
- Porque desistiu a política dos jovens?
- E eu, desisti da política?

A partir da sua própria experiência e posição pessoal, devidamente informada pelos argumentos, obras e autores que considerasse úteis, cada aluno expôs as suas respostas através de uma apresentação oral e de uma apresentação impressa. Partimos da noção de retórica e das suas componentes discursivas (Dispositio, Elocutio, Memória, Ação e Prolepse) para chegar a uma formalização exploratória do discurso (afim ao modelo artístico da lecture-performance) e testar o potencial, objetivos e princípios da oratória política.

Discurso em apóstrofe

Carlos Silva

[ACTO ÚNICO

CENA INDEFINIDA

A sonoridade parte do diafragma, e não do instrumento vocal.

O olhar, a rigidez e o movimento; o corpo, mais do que a palavra, fala por si.

EM CENA, VISUALIZA-SE APENAS UMA CADEIRA ISOLADA. DELA, FAZ FRENTE AO PÚBLICO UM DETERMINADO INDIVÍDUO.]

Existe algo intrigante. Uma questão que me tem ocupado a cabeça nestes últimos dias: O QUE SERÁ A ALIENAÇÃO? SEREI EU, ALIENADO? SEREMOS NÓS, ALIENADOS? Eu vivo e coexistir com todos os demais. Partilho o mesmo espaço, partilho as mesmas necessidades, partilho as mesmas regras, partilho a mesma liberdade que todos. Somos todos cidadãos, não é assim? Vivemos em sociedade. O ser humano adora agrupar-se em sociedade. E como tal, o ser humano adora política.

Idealmente, a ACTIVIDADE POLÍTICA deveria fomentar a condição individual do cidadão e o seu bem-estar. No entanto, dado os últimos acontecimentos, a política tem sido razão para descontentamento e cepticismo. Especificamente aqui, em chão português, tal reação é predominante. As importantes figuras que fazem parte do corpo político do nosso país são objeto de insatisfação, pelo menos, de uma grande parte da população. O que nos é dito por estes, parece mais um instrumento de persuasão, do que propriamente um compromisso para o desenvolvimento da nação. E o que é que acontece quando as opções que nos são oferecidas pelo sistema democrático, dividido nas suas diferentes facções e respetivos representantes, não são do agrado maioritário? Quando chega a hora do voto, os resultados são dominados por uma posição bem afirmada: A ABSTENÇÃO. Cidadãos, bem como os políticos leem esta posição como puro desinteresse. Segundo os números, a abstenção é atribuída em grande parte ao segmento jovem. A população jovem — cada vez menos considerada uma faixa demográfica influente nos resultados das eleições e, consequentemente, no futuro de Portugal. A população jovem. Alheia. Alienada.

Retorno à questão que me tem inundado os pensamentos: SEREI EU, ALIENADO? Instrumentos de alienação não faltam na sociedade moderna. Observo-os diariamente como engenhos de comunicação(...) a informação que circula é ponderada e modelada desde o seu conteúdo, à forma como é apresentada, aos canais em que circula e ao alvo demográfico que atinge.

Faço parte do segmento jovem. Faço parte de um ser massificado, isolado num circuito específico de informação. Talvez seja por isso que desconheço os meandros do sistema político do meu país: o MODO COM QUE ESTE OPERA, as áreas em que tem impacto, QUEM faz parte e o que faz, COMO o faz e PARA QUE é que o faz.

Será assim a alienação a causa principal da abstenção? Sim, poderá ser uma delas. É possível também, sob um outro ponto de vista, entender tal abstenção e desinteresse como um VOTO DE PROTESTO. E daqui surge uma outra questão que me intriga: SERÁ O NOSSO SISTEMA O MAIS ADEQUADO?

Um ato de abstenção poderá ser encarado como um ato CONTRA-POLÍTICO. Idealmente, seria absurdo pensar que um político – alguém cujo dever é exercer o seu poder para organizar e fazer evoluir o seu país, use da sua posição para outros fins e interesses. Infelizmente, não é absurdo, é real. Com isto, a palavra do político perde força e credibilidade, o que leva aos cidadãos questionarem o seu dever de votar. O voto é visto como um ato inconsequente.

Citando Emma Goldman, ativista anarquista: se o voto pudesse de facto mudar algo, este seria ilegal; e torna-se ilegal, quando este ameaça a mudança de tudo. No entanto, apesar do quão belo seja afirmar a individualidade, liberdade e expressão absoluta de cada um, a abstenção em si, pelo menos no corrente sistema político, não será mote de nenhuma mudança no GRANDE E COMPLEXO esquema das coisas.

A mudança exige uma reação assumida e o envolvimento do indivíduo no próprio sistema. A mudança requer que participemos no sistema (que podemos ou não questionar), quer seja através do voto eleitoral ou de outro meio de intervenção. Daqui serão possíveis: UMA MUDANÇA DE PARADIGMA OU UM COLAPSO DO SISTEMA. Posto isto, não deposito nem uma ínfima parte da minha confiança no sistema corrente. Deposito-a no ser INDIVIDUAL, na sua INTELIGÊNCIA, na sua MORAL e no seu LIVRE-AGIR.